



Dinâmica de grupo  
com participantes  
do projeto Peri

Eliana Perez

# O sentimento do mundo

*Cidade da região industrial de Campinas desenvolve um programa exemplar para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis*

**C**osmópolis tem apenas 44 mil habitantes e o sentimento do mundo. O município da região industrial de Campinas recebe gente de todo tipo e de toda parte, pois é cercado por grandes artérias viárias – as rodovias dos Bandeirantes, Dom Pedro I e Anhangüera –, e tem na vi-

zinhança o Pólo Petroquímico de Paulínia, um dos maiores da América Latina. Com uma significativa população flutuante, a cidade entrou na mira do Ministério da Saúde como foco potencial de epidemias de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Atenta, a Secretaria Municipal de Saúde obser-

vou que em 2001 houve um aumento no número de casas de prostituição. Esse fato, somado ao comércio e consumo de drogas na região, criava um cenário perigoso. Para enfrentar o problema, a prefeitura criou o Peri – Projeto de Educação e Redução de Incidências em DST e Aids.

O alvo do projeto é a população em estado de vulnerabilidade social, como os usuários de drogas injetáveis, as profissionais do sexo – como são chamadas as pessoas que exercem a prostituição –, os trabalhadores que prestam serviços temporários às indústrias de Paulínia, os caminhoneiros que invadem a cidade tentando desviar de pedágios. O projeto, federal na origem, se tornou municipal em 2003 e, recentemente, obteve financiamento da Unesco. Profissionais da Secretaria de Saúde, aliados à Secretaria da Promoção Social, desenvolvem estratégias para atingir o público-alvo. Um dos programas, realizado nas casas de prostituição, oferece cinco módulos de oficinas às profissionais do sexo, que recebem orientação sobre métodos contraceptivos, cuidados preventivos (como os fundamentais exames de mama e Papanicolau) e, é claro, DSTs. Um dos módulos é voltado exclusivamente para a valoriza-

ção da auto-estima. As mulheres podem marcar suas consultas e exames laboratoriais do próprio local de trabalho e, quando necessário, são encaminhadas a tratamento especializado.

**Confiança** – No projeto Peri, quem planeja é também quem executa a ação. Dessa maneira asseguram-se a relação de confiança e o sigilo. O objetivo se resume a instruir as prostitutas sobre os riscos que correm, oferecer tratamento e prevenir a proliferação de doenças. A farmacêutica Érika Valeska Rossetto, coordenadora do Peri, explica: “Não há o intuito de tirá-las da profissão ou de interferir no gerenciamento das casas”. Mesmo assim, duas prostitu-

tas atendidas pelo projeto já trocaram de profissão: uma delas montou um salão de beleza e a outra um bar. Enquanto isso, o Peri faz sucesso entre as antigas colegas. Já há 150 inscrições para os cursos profissionalizantes de cabeleireira e manicure oferecidos a elas pela prefeitura, com previsão de início em junho.

Outra prática do Peri é a visita noturna a alojamentos de operários que ficam na cidade por tempo limitado. Com esse grupo, os profissionais atuam por meio de bate-papo. Optou-se pela chamada “abordagem sindrômica”. Tradução: os tra-

balhadores falam dos seus sintomas e os agentes de saúde tentam fazer o diagnóstico antes de encaminhá-los aos mé-



## Um quartinho à beira da estrada



Ana Manfrinatto

**Ernestina Peres Vieira**, mais conhecida como Tina, não gosta de revelar a idade. Capixaba, há cinco anos fez as malas com destino ao Estado de São Paulo. Deixou no Espírito Santo, além de todos os parentes, uma filha de 21 anos, para o bem da garota, como faz questão de dizer. Com o dinheiro do seu trabalho, custeia os estudos da filha, que faz faculdade de contabilidade. Há dois anos e meio, o endereço de moradia e trabalho de Tina fica na rodovia SP-332, no bairro de Itapavussu, sob a placa “Boate Panther House”. A poeira levantada pela estrada não consegue invadir o seu quartinho – que é impecável. Em 1982, quando tinha 20 anos, conheceu um “gringo” em Vitória e

casou-se com ele. Moraram por seis anos na Bélgica, onde trabalhou como vendedora. Com o casamento desfeito porque “o cara mexia com drogas”, Tina voltou ao Brasil e foi trabalhar como costureira. Desde a sua chegada a Cosmópolis, assumiu a função de “mãezona” das casas de prostituição onde trabalhou. “Era eu que tinha que levá-las a Paulínia ou Campinas para ir ao ginecologista”, diz. Ela elogia o projeto Peri porque hoje elas podem se consultar na própria cidade. Embora especialistas recomendem que a mulher faça exame de mamas a partir dos 35 anos, só agora Tina fará sua primeira mamografia, prescrita por um médico da Secretaria de Saúde de Cosmópolis.



dicos. Eles também recebem preservativos e – nunca é demais – instruções sobre o uso. Gilvanides Petrolino da Silva, de 33 anos, é pernambucano e há um ano mora com colegas de trabalho nos fundos da casa de dona Ondina, num bairro pobre de Cosmópolis. Ele trabalha oito horas por dia como montador de andaimes na refinaria de petróleo de Paulínia, ganhando um salário de R\$ 900 por mês. Em Camaçari, na Bahia, deixou sua mulher e um filho de 4 anos. “Estou sempre andando no trecho”, como diz, o que significa que está acostumado a vir ao Sudeste em busca de melhores salários.

Gilvanides paga R\$ 50 por mês só para permanecer sob o teto da senhoria. Os trabalhadores de trecho, quando chegam, têm de comprar cama, colchão, geladeira e fogão. Na hora do regresso, precisam vender tudo, antes de seguir viagem. Há um mês, Gil – como é chamado – teve febre alta e fortes dores no corpo e na cabeça, ficando impossibilitado de trabalhar por seis dias. Os colegas até acharam que ele tinha contraído dengue. Se não fosse um amigo ter comentado sobre a enfermidade de Gil (uma virose) com Maria Machuca, técnica de enfermagem da vigilância epidemiológica de Cosmópolis, ele

não teria tido acesso a uma consulta, medicação gratuita e atestado médico. E seus dias de ausência seriam descontados.

**Adesivos e seringas** – Além dos trabalhadores de trecho e das profissionais do sexo, o Peri ainda atende outros 20 cidadãos por dia. E não pára de fazer campanhas. Como os caminhoneiros representam a maior parte dos clientes das casas de prostituição, eles são abordados nas



Gilvanides, trabalhador atendido pelo serviço de saúde

Ana Manfrinatto

balanças do Departamento de Estradas de Rodagem (DER) pelos agentes de saúde, que entregam preservativos e materiais educativos como adesivos – próprios para caminhões – com o texto “Não dê carona para as doenças sexualmente transmissíveis, use camisinha”. Em bailes de Carnaval, festas e eventos na cidade, também são distribuídos panfletos e preservativos. Porta-copos com a inscrição “A melhor posição é com camisinha” foram entregues a todos os bares de Cosmópolis.

A chamada “redução de danos” também é estendida aos usuários de drogas injetáveis, aos quais o projeto fornece seringas descartáveis. A iniciativa gera polêmica entre os habitantes tradicionais da cidade – em grande parte, descendentes dos italianos, suíços e alemães que, em 1906, deram o nome de Cosmópolis ao povoado que construíram em torno da Ferrovia Caril Agrícola Funilense, quando o lugar ainda pertencia ao município de Campinas. “Na opinião de muitas pessoas, estamos incentivando o sexo entre os jovens e o uso de drogas”, diz a farmacêutica Érika.

O Peri, reconhecido pela Coordenação Estadual de DST-Aids como um dos melhores programas de saúde preventiva de São Paulo, envolve profissionais qualificados, ambulatório médico, recursos financeiros federais, estaduais e municipais e mantém parceria com o comércio local, a iniciativa privada, a Polícia Militar e ONGs. Seu trabalho de mapeamento da população flutuante é pioneiro no país. O PT cumpre o terceiro mandato no comando da cidade e o atual prefeito, José Pivatto, é candidato à reeleição. A ênfase na educação e na saúde – áreas beneficiadas com, respectivamente, 31% e 19% da arrecadação de impostos em 2003 – é uma marca do partido em Cosmópolis.

Ana Manfrinatto, de Cosmópolis



O Projeto Boquinha presta assistência odontológica às crianças de Cosmópolis

Ana Manfrinatto